

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 16 de Maio de 1992 • Ano XLIX — N.º 1257 — Preço 20\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

O nosso Jornal

Recado para os nossos Leitores

SEMPRE que temos de pegar na pena para dar um recado desta sorte, é com custo que o fazemos. E, no entanto, ele não hule o quer que seja com a regra de ouro que Pai Américo nos deixou: «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um».

Contudo, e porque a isso nos obriga a lei, sempre o jornal saiu com um preço de capa, desde o escudo de há quarenta e oito anos, que então cobria as despesas e cobriu durante muitos anos, até os trinta escudos com que passará a sair a partir da próxima edição. Na verdade, a escalada galopante dos preços, a que agora se juntou o contrapesozinho do IVA, reclama mais esta actualização. Ela tem uma finalidade eminentemente contabilística que nada tem a ver com os princípios de contabilidade da Obra da Rua, segundo os quais a «generosidade espontânea de cada

um» é que faz o preço. Fundados nela, e olhando somente os resultados da venda avulsa, até seria lícito estabelecer um valor mais alto — já sancionado pelos nossos leitores que, de há muito, o vêm praticando. E refiro somente os resultados da venda avulsa, porque no capítulo das assinaturas a «espontânea generosidade» é ainda mais expressiva, contando-se muitas em que inscrevemos este despacho jocoso: — *Paga até ao fim do mundo.*

É claro que esta «generosidade espontânea» visa a Obra e os seus vários empenhamentos. Tanto que, algumas almas simples e desatentas da tal escalada galopante dos preços, nos enviam o seu contributo mais avultado e destacam uma quantia para a assinatura inferior àquela por que a contabilizamos. Não é o papel e os custos de impressão que as impressionam, mas as notícias escritas mais com sangue do que com tinta que o pequenino *revolucionário* lhes transmite. Este é que é o verdadeiro «lucro» d'O GAIATO. Por isso, Pai Américo nos mandou «escrever como quem reza, como quem vai falar de Deus e revelar

Cristo às almas», para que «pela força e crédito dos seus escritos defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre».

É este «lucro» que nos empolga e nos absorve totalmente. E confortamos constatar quanto este carisma mobilizador do modesto mensageiro é operoso, como ainda há pouco se verificou pelas respostas ao clamor de Padre Acílio e ao enorme investimento que importa o regresso a África, para o que nem se fez nenhum apelo formal. A generosidade dos nossos Leitores é da espécie do «bom entendedor para quem meia palavra basta».

Eles entendem e aceitam que verdadeiramente só *paga* este jornalito quem se deixar ferir pelas suas regras, para o que não bastam escudos na algibeira mas é preciso um coração que sofra e reze.

Por isso as contas d'O GAIATO estão sempre feitas e são certas como nem os lucros fabulosos dos grandes impérios financeiros do século. Estes passarão... Tudo passará... Só a Palavra de Deus, portadora da Justiça e anunciadora da Paz — só Ela, não.

Padre Carlos

ENCONTROS

Espaço de diálogo para abertura aos Outros

EM LISBOA

No dia 2 de Maio fui até Coimbra. Decorria o Congresso dos Leigos sob o lema: «A Igreja em renovação pela Comunhão e pela Missão». Foi gratificante a viagem. No caminho recordei a minha Diocese, a Igreja que me amparou e me guiou nos caminhos sempre difíceis da fé. Ia encontrar-me com essa Igreja, com os seus leigos. Este encontro já valia a pena. Ao chegar, senti essa Igreja viva. Cerca de setecentos leigos, interpelados pelo Espírito, vindos dos diversos cantos da Diocese, empenhados em múltiplos trabalhos de evangelização, vivendo os problemas dos diferentes sectores da vida da sociedade, onde não faltavam também alguns porta-vozes dos irmãos mais pobres, injustiçados e marginalizados.

Vivia-se um ambiente de oração, de fé, de alegria, de diálogo, por vezes quente, onde fervilhavam as ideias e as propostas. A esperança estava presente e alguns me referiam: «Agora é que vai ser», «vamos mesmo arrancar de vez!»

As conclusões nunca dirão da riqueza de tudo o que se passou e viveu. Os leigos, assim reunidos, aprenderam mais a viver a Igreja, a assumir responsabilidades porque estiveram expostos e disponíveis para aceitar as interpeleções do Espírito Santo. Creio que também puderam experimentar a diversidade de dons e vivências na Igreja, por vezes, em situações bem difíceis da conflitualidade social. Este espaço de diálogo obrigou a sair de um certo dogmatismo que, sem

Continua na página 4

Grande «comedela»!

A última notícia sobre as actividades do «Batatinha» foi-nos há pouco telefonada por uma Religiosa de Gondomar cuja superiora comprou trinta bilhetes para a tal festa que não é nem está para ser — e aí vão todas à hora anunciada pelo passador dos bilhetes e batem com o nariz na porta.

A semana passada (escrevo em 4 de Maio) a campanha decorreu em Gondomar. Na anterior tinha sido na Maia. Esta, se calhar, será em Gaia ou em Matosinhos... Mas não demorará muito que o saibamos com certeza!

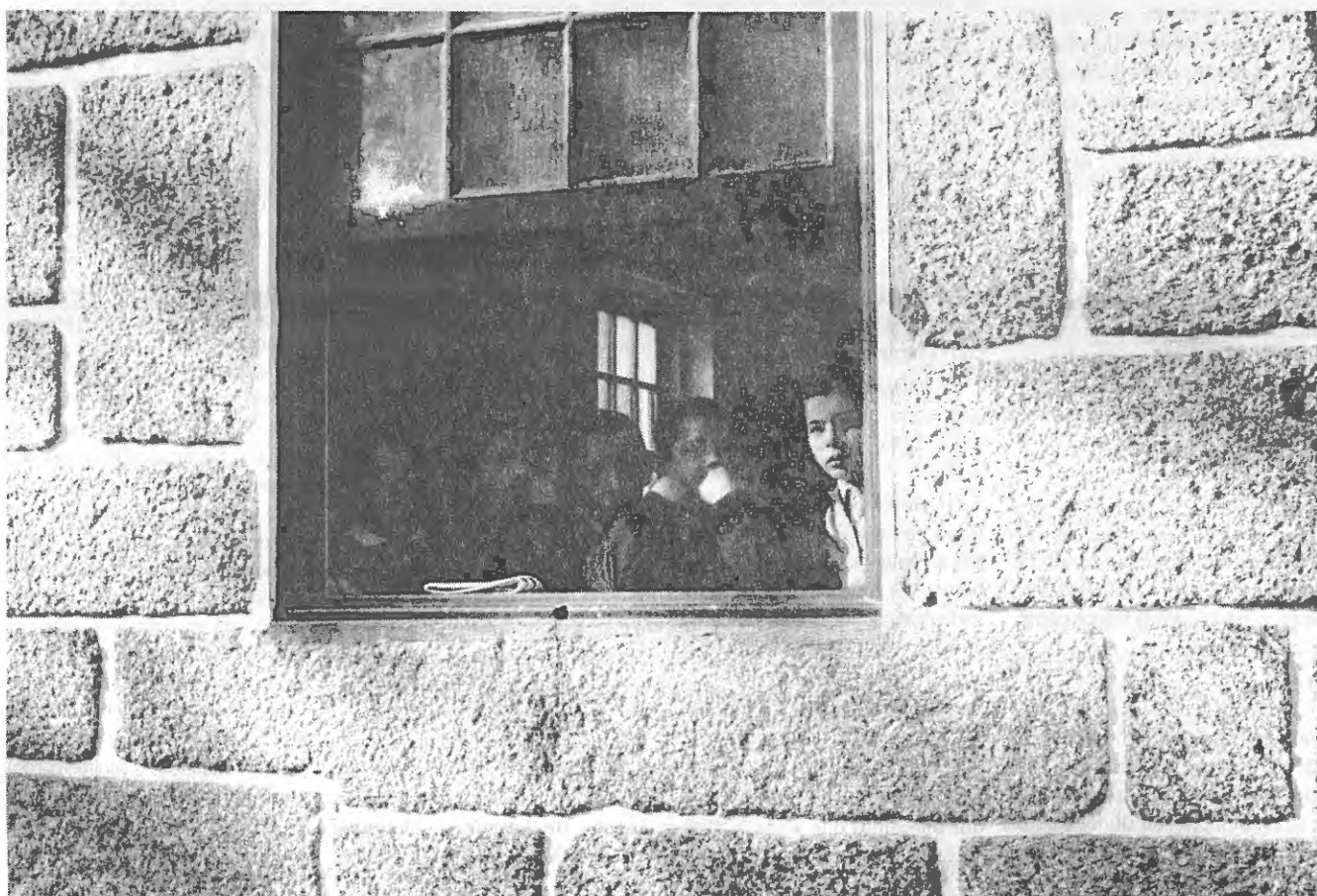
É uma vergonha a demissão da Autoridade perante este «conto do vigário» que dura há uma boa meia dúzia de anos e continua com o seu autor completamente impune, apesar de várias vezes preso num dia e solto no seguinte!

Polícias, Tribunais... nada! De nome, sim, são forças de segurança e de ordem. De resto, o «Batatinha» (e tantos da mesma espécie) têm campo livre para a sua liberalíssima profissão de enganar e extorquir o próximo.

Quantos milhares de contos ele não terá arrecadado nestes anos, a estimar por aquilo que vamos sabendo!

Só há um remédio. É cada qual defender-se. Além dos avisos que têm sido feitos no nosso e até em jornais diários, há o conhecimento, *que devia haver*, de que a Obra da Rua, já cinquentenária, nunca usou tais expedientes e para mais os do «Batatinha», tão primitivos, tão mal-feitinhos, graças a Deus, que até parece impossível como conseguem enganar alguém!

Padre Carlos



Viviam no mundo das barracas. Sujeitos à escola da Rua. Agora crescem para a vida, em família, nas belas casas da nossa Aldeia.

Conferência de Paço de Sousa

DOENÇA — Sofreu um derrame e movimentou-se com dificuldade.

A história desta idosa não é para se revelar. Guardamo-la, porém, no coração, desde a primeira hora.

Agora, «*não pode mexer pa-lheira*» — como diz o povo, à sua maneira. Precisa de quem lhe bote a mão em tudo, mas apareceu logo uma vizinha — cheia de boa vontade!

A gente rejubila pelo sentido comunitário que não se perdeu totalmente no meio rural — já marcado pela *sociedade de consumo*... que deixa marcas; pela fraternidade dos Pobres que ajudam outros que precisam mais. Valores cristãos cuja luz sacamos debaixo do alqueire para que despertemos e sintamos a responsabilidade d'acudir aos Outros, como e quando for preciso.

MUITOS POBRES! — Boa parte da Imprensa citou um documento da «Oikos — Cooperação e Desenvolvimento», referindo que dispomos de 12,5% dos Pobres da Comunidade Europeia, percentagem nada lisonjeira.

Segundo esta organização não-governamental, os idosos que recebem pensões muito baixas são, talvez, «*as maiores vítimas da deficiência dos sistemas de segurança social existentes no País*». Salienta, também, que, «*em Portugal, é muito notória a diferença entre a riqueza súbita e o empobrecimento de largas camadas da população*», apontando como causas não se haver tido «*em linha de conta as especificidades próprias de um País saído de um longo período de isolamento*», sofrendo «*as mais elevadas taxas de analfabetismo da Europa*». Verificamos o facto em grande parte das pessoas que ajudamos!

PARTILHA — «*Pequena lembrança de Páscoa*», da assinante 35019. Seis mil, em cheque, do assinante 9790, que sugere «*uma oração ao Senhor pelos irmãos timorenses. Deus e Nossa Senhora os ampare, conforte e lhes seja feita justiça*».

Outra presença assídua — a assinante 31104, de Lisboa: «*A minha intenção é sempre a mesma — por alma dos meus entes queridos. O nosso Deus se digne aceitá-la porque o faço de todo o coração*». Pai Américo deixou expresso isto mesmo: «*O verbo dar não sai dos haveres, mas sim dos corações*».

Três mil, do assinante 16696. Mais 13.500\$00 da assinante 13329 e acrescenta: «*Agradeço todo o bem que tenho recebido!*» Mais três mil, da «*Avó dos cinco netinhos*», para uma viúva ou quem mais precisar.

Por fim, um grupo de Amigas de Bom Sucesso, terras d'Aveiro, deixa migalhas de todas elas — com um sorriso nos lábios.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO



A tradicional visita do Compasso, Domingo de Páscoa, à nossa Aldeia de Paço de Sousa.

PAÇO DE SOUSA

EFACEC — É uma excursão que praticamente todos os anos, pela altura do 25 de Abril, nos visita e partilham do seu almoço conosco.

Infelizmente eu não pude almoçar com a malta.

PASSEIO — No dia 1 de Maio, como é habitual, os distribuidores d'O GAIATO foram passear por algumas terras do distrito de Aveiro.

Para estes companheiros foi um dia de céu, um dia especial em que gozaram o passeio no máximo e até alguns me disseram que tomaram banho numa praia.

FUTEBOL — O Lupricínio pede para comunicar o seguinte: A malta gosta muito de confrontos de futebol. Por isso, organizem grupos de jovens (juvenis e seniores) para jogarem conosco. É a nossa melhor ocupação nos tempos livres.

Telefem para o (055) 752285 e falem com o Lupricínio.

Paulo Alexandre («Rambo»)

TOJAL

FESTAS — Depois de tanto trabalho elas aí estão. Já repre-

sentámos em três lugares. Todos aqueles que foram, até nós, mostraram sempre um grande carinho, do mais novo ao mais velho. Assim continue até ao fim. Queremos também agradecer às pessoas que têm contribuído com utensílios para a Festa. Obrigados.

CALCETAMENTO — Após as obras da garagem nova terminadas, precisámos de calcetar uma parte à frente e o chão da nova casa de banho. Não chamámos, de novo, o calceteiro, pois o tempo que o Barros o acompanhou foi suficiente para aprender a fazer o trabalho — que não ficou mal. Temos calceteiro!

CARAS NOVAS — Veio mais um para o meio de nós, o Alcino, de 14 anos. Assim que chegou, mostrou no campo as suas artes futebolísticas. Logo, aí, ficou baptizado com a alcunha de «Eusébio». Esperamos se dê bem no meio de nós.

ESCOLA — Começou o terceiro período. As notas do segundo nem para todos foram lá muito boas. Agora nada pode falhar, senão... Vamos ver como é que decorre.

FUTEBOL — Desta vez calhou aos mais pequenos defrontarem uma equipa, da zona. Puseram a sua tática a funcionar e acabaram por sair do jogo com uma vitória bem vantajada sobre o adversário que combateu até ao fim.

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

AULAS — Começou o terceiro período escolar. O último deste ano. Quem tem unhas é necessário esgadanhar, pois alguns parece que andam sempre a dormir. E há outros que quando acordam já é tarde. Fala-se tanto no insucesso escolar!... De quem será a culpa? Parece haver também tanta culpa nos estudantes!

Queremos lançar aqui um alerta. Não vale perder anos por preguiça. Alguns dos nossos são tão preguiçosos!...

CULTURAS — Ainda temos o milho quase todo por semear. As terras estão enxutas e estamos todos ansiosos para que venha chuva e regue os nossos campos.

Os batatais estão bonitos, mas começam a torcer a folha e ainda não é bem tempo de andarmos a regar.

Os nossos pequenitos, fora das horas de escola, andam com baldes a regar os tomateiros, o cebolo e as alfaces. Mas não há nada que chegue a uma boa rega com chuva. Deus no-la mande!

OBRAS — Elas continuam. Agora andamos a preparar o telhado da casa-mãe. Esperamos que fique bem e bonito. Nós todos queremos que a nossa casa-mãe fique muito bonita, ainda mais bonita do que era antes das obras. Foi nesta Casa que Pai Américo começou esta grande

Família que já hoje é. Gostamos também de coisas bonitas.

Um cronista

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos a ajudar um pobre homem com quatro filhos. A mulher abandonou-o e ele tomou a seu cargo a grande responsabilidade de ser pai e mãe ao mesmo tempo. Luta com muitas dificuldades, mas vai cumprindo a sua missão. É digno da nossa admiração. Que Deus o ajude.

Em vésperas de Páscoa, visitámo-lo. Estava a fazer o almoço no fogão a cair de podre. Não pediu nada, pois não é de muitos queixumes. Nós vamos vendo as necessidades e pensamos dar-lhe um fogãozinho.

• Temos alguma correspondência em atraso.

Da Alemanha, mulher e marido mandaram duzentos marcos no Natal e mais duzentos nesta Páscoa. Um cheque para os nossos Pobres: «Desejo que tenham passado uma Santa Páscoa na companhia de Jesus Ressuscitado e que Ele dê forças para continuarem com essa obra». Pede uma Avé-Maria por todos os seus. Armandina, 20.000\$00 com estas lindas palavras: «*Bem hajam pela oportunidade que me dão de praticar algum bem a favor do Próximo*». Da Holanda, 7.000\$00. Envia sempre pontos de meditação, lidos e recebidos com grande alegria. Assinante 26040, uma quantia para tapar um pequeno furo ao nosso critério: «*Deus vos ajude a proporcionar-nos forma de podermos praticar algum bem*». Anónimo, de Lousã, pequena oferta com desejo de uma Santa Páscoa para todos os Pobres. Bernardete, vinte mil escudos referentes ao segundo semestre, por alma de seus pais. 7.000\$00 da assinante 9708. Maria, do Porto, 30.000\$00 para se comprar uma cama ao casal de velhinhos. Anónimo, de Monte Gordo, 25.000\$00. Pede orações por seu irmão falecido há pouco. Com 500\$00 numa carta pedem para termos coragem e continuarmos na nossa acção vicentina. Manda, também, uma gabardina e um casaco. Com este pensamento: «*Amar é a forma mais intensa de viver*», chegam 12.750\$00 da assinante 9708. Assinante 34239, 5.000\$00. Assinante 32969, 20.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. António, de

Fiães, 10.000\$00. Eládio, 7.000\$. Mário Neves, 2.000\$00. Amigos há que ainda pedem desculpa pela ajuda que mandam! Este, que sabemos ser do Porto e que envia 5.000\$00, é um deles. Uma amiga que vive da sua pequena pensão e tem uma doença grave, está a atravessar uma crise mais forte e não sabe se conseguirá sair dela. Pede a Deus que nos dê muita coragem e força para continuarmos a nossa missão de ajuda aos Outros — mais necessitados. Abraça-nos com muito carinho. Cândida: Lemos com muito carinho a sua cartinha. Todos os vicentinos que a senhora acarinha, estão consigo. Deus é grande e a senhora uma pessoa de fé. Assinante 5193, 3.000\$; Anónimo, 2.000\$; assinante 9474, 1.500\$00; entregues no nosso Lar, 1.000\$00; com as iniciais A.V., 300.000\$; de Que-luz, 2.000\$00. Pelos nossos Pobres, e sobretudo em nome do Pai do Céu, muito obrigado.

Uma vicentina

MALANJE

VIAGEM — Luanda, o ponto de chegada. Os primeiros contactos foram estabelecidos a vários níveis. Todos nos receberam com o melhor agrado. Comprámos um tractor Ford para os primeiros trabalhos de agricultura que é a base de subsistência das nossas Casas.

Vamos rumo a Malanje. No percurso de 450 km deparámos com variadíssimas paisagens, próprias de um país fértil e repousante. À mistura, os efeitos de uma guerra devastadora; vilas e cidades entristecidas esperam melhores dias. Rostos marcados de um pesadelo e de sorrisos deslavados, aqui e ali, contavam suas histórias.

A viagem terminou ao princípio da noite, na aldeia do Kulamuxito. À entrada, uma casinhota onde a tropa fazia o seu controlo de entradas e saídas. As casas, escondidas por árvores desordenadas, mal se viam. O capim invadia o terreno. A cabina gigantesca, coberta de árvores e trepadeiras, dava um aspecto de monumento abandonado. As oficinas com as carcaças das máquinas. Casas com telhados abatidos deixam penetrar o sol e a chuva. A vacaria, poilgas e galinheiro a meia haste sentiam a ausência dos seus habitantes. Os poços de água carregados de lixo e lataria. A capela e casas de granito rosado assentes em alicerces firmes, eram o símbolo da grandeza de uma Obra que nunca se apagara. Sentimos o esvoaçar dos passarinhos e ouvimos os seus cantares. As acácias floridas, de tons avermelhados e rama verdejante, simbolizam a vida. O nosso Padre Telmo, em silêncio mas sempre atento, era recebido com abraços de alegria por um povo que não esquecera o bem que lhe foi feito.

Foi assim o primeiro dia. No fim dirigimo-nos para o Bispado de Malanje onde fomos acolhidos com muito carinho e alegria.

Júlio da Silva



SETÚBAL

O nosso tribunal

O «Gordo» veio de Lisboa. Foi buscá-lo, há quatro anos, a uma pensão do Bairro Alto. Tinha nessa altura 11 anos e uma experiência de rua das mais marcantes. Não sabia nada de nada. A sua mãe morrera devorada por um cancro e pelo abandono do marido.

Despido de hábitos humanos, carrega atrás de si uma incapacidade quase nata de se adaptar à vida.

Frequentou, até há pouco, o 7.º ano na Escola do Viso, de onde fugiu para vagar, mais de quinze dias, pelas ruas de Lisboa e Setúbal, até regressar de novo a nossa Casa. Que lhe hei-de fazer, meu Deus?!

Já experimentou a droga e parece-me ser um elemento escolhido por uma organização para introduzir o terrível flagelo na Casa do Gaiato!

Antes d'ontem, foi chamado à barra do tribunal pelo chefe que o pôs na copa a lavar loiça. Durante o almoço, vejo um grande reboliço na sua mesa. Era o chefe de mesa aos murros ao «Gordo». Intervenho para me certificar e pôr cobro à desordem. «Ele estragou a comida no prato e agora não a quer comer», diz o juiz castigador.

Já eu estava na cama quando batem a porta. Era o chefe da casa três. «Olhe que o 'Gordo' não está em Casa! Todos dormem e a cama dele vazia!»

Como pode a gente dormir com o coração a bater tão forte? Como?

Pelas duas da madrugada sinto passos mansinhos pelas

ANTIGOS GAIATOS — O Jaime (irmão do Tomaz) deixou-nos. Ao funeral compareceu um grupo de irmãos da sua e nossa Casa do Gaiato de Malanje.

Enviámos um telegrama ao nosso Padre Telmo comunicando a partida do seu filho para partilhar a nossa dor.

Manuel Fernandes



O filho do «Primo Velho», futuro colaborador do nosso Padre Telmo na Casa do Gaiato de Malanje.

escadas contíguas ao meu aposento que dão para a casa dois. Nem uma luz acesa. Ouço o dormir descansado dos rapazes nos seus quartos. Tudo escuro. A minha alma em trevas. Paro na grande sala, descalço e em pijama, aguardando, longos minutos, qualquer sinal de gente levantada. Noto a silhueta de um vulto através da ténue claridade de fora que entra por uma janela, junto à porta de um quarto, agarro-o instintivamente. Era o «Gordo» com mil desculpas e mil mentiras. Dissipou-me todo o sono da noite que eu previa descansada e reparadora!

Festas

Este é o grande argumento das nossas Festas: Fazer do farrapão da rua um homem de bem.

A formação do carácter tendo como base a liberdade e a responsabilidade dos rapazes, em porta aberta, com todo o jogo de luzes e som-

bras da vida deles iluminada nos palcos, põe em evidência a genial intuição do Padre Américo, bebida na figura e na doutrina do Mestre — Pedra Angular de toda a construção humana.

Nunca, como hoje, foi necessário fazer Festas para trazer ao coração dos Amigos a experiência nova de uma Casa do Gaiato. Hoje que vemos tanta gente, mesmo da Igreja Católica, a enfeudar-se na técnica e no dinheiro do Estado, a inspirar-se e a apoiar-se numa e noutra sem perspectivas evangélicas, é necessário que este pequenino sinal venha proclamar que é possível fazer de outro modo, apoiados nas estruturas da Fé.

Se o caminho de Deus é o caminho do homem, só poderemos pregar Deus com o homem e pelo homem — mas iluminados por Jesus Cristo.

Às vezes, a técnica estraga tudo, dizia o Padre Américo. Nunca como hoje esta advertência tem actualidade. A

nossa Festa é o desmascarar de todo este mito pagão. Sem a técnica e sem o dinheiro do Estado, mas com a força e a luz do Evangelho mais a doação coerente da vida, fazemos de muitos «Gordos» homens de bem e pregamos assim a actualidade da Fé.

Um tribunal ao vivo, representado pelos rapazes sobre faltas cometidas por eles, traz a pedagogia da Obra da Rua para a ribalta dos palcos, arrancando palmas de emoção e alegria num júbilo incontido de quem vê e palpa Jesus Cristo.

Padre Acílio

CABANAS — 16 de Maio, sábado, Sociedade das Cabanas, 21,30h.

SETÚBAL — 22 de Maio, sexta-feira, Fórum Luísa Todi, 21,30h.

COVA DA PIEDADE — 23 de Maio, sábado, Centro Paroquial da Cova da Piedade, 21,30h.

SARILHOS GRANDES — 29 de Maio, sexta-feira, Salão da AMUT, 21,30h.

CASCAIS — 20 de Junho, sábado, Teatro Gil Vicente, 21,30h.

NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

O Naftali

No rosto sofrido de cada irmão, o apelo de Deus. Este Deus que nos chama a uma tomada de consciência do que na verdade é ser cristão.

Preocupa-me ver os irmãos à volta, sem um mínimo de condições de vida. Com fome, sem casa, sem emprego.

Preocupa-me ver a forma como estão a ser tratados. Alguns quando olham, dizem: «Esta gente só sabe roubar».

Esta semana levei o pequenino Naftali ao médico. Precisa de um tratamento especial. Tem cinco anos e, por causa da desnutrição e maus tratos em sua primeira infância, não consegue sarar as infecções. É a quinta vez, depois que chegou a nossa casa. Insisti com o médico para que olhasse com mais carinho o problema do miúdo. Respondeu: «O remédio de que precisa não há no país». Insisti, pedindo o nome do medicamento. «É muito caro!» Voltei a insistir para que fizesse algo mais pela criança. A mesma resposta. E acrescenta: «É conta-

gioso». Pedi, por favor, o nome do remédio. Repete: «É muito caro!» Naquele momento, em que sentia o desprezo com que estava a ser tratada a criança, a vontade que tive foi de gritar e dizer-lhe: — Esta criancinha é gente, merece respeito. Se fosse o seu filho o que seria capaz de fazer, agora?! Olhe os mais pequeninos com amor. Lembre-se que diante de Deus somos iguais. E Jesus dá preferência aos mais pequeninos. «Deixai vir a Mim os pequeninos». O senhor, há poucos dias, disse: «Eu sou cristão». Mostre-me, agora, o seu cristianismo.

Dizer é muito fácil; ser, de facto, custa muito. Lute para que haja mais caridade e justiça na terra.

Sim e Não

Dizer sim quando precisa de sim.

Dizer não quando precisa de não.

Dizer sim quando aparecem mãos a querer construir a Paz.

Dizer não quando os acomodados querem destruir o pouco que está sendo feito.

Dizer sim quando o Pobre aparece a comprar 50 blocos.

Dizer não quando aparece alguém a dizer: «P'ra quê fábrica de blocos se não têm dinheiro para comprar?»

Dizer sim quando alguém chega e pergunta: «Quanto custa uma tampa para retrete?», mesmo sem dinheiro para comprar.

Dizer não quando aparece alguém a criticar: «Eles não sabem usar».

Dizer sim quando a mamã, o papá, procuram roupa, mesmo usada, para comprar.

Dizer não quando alguém aparece logo a dizer: «Eles querem-se aproveitar».

Dizer sim quando o Pobre pede um conserto de sapatos, quando muitas vezes já não recebem mais reparações.

Dizer não quando aparecem a colocar defeitos...

Dizer sim quando o Pobre aparece a pedir o preço de cama, mesa, banquinhos...

Dizer não quando os grandes projectos aparecem a tomar o lugar dos pequeninos.

DOCTRINA



Muda-se o nome, que não a Obra.

• Tão pobre e tão ninguém, que nem sequer tenho quem hoje me apresente ao público, chorando a Sopa mais eu e desejando à Obra da Rua anos auspiciosos. Não que eu seja um abandonado ou um esquecido, mas sim porque a sina me dá caminhar sempre rasteiro.

• Depois de ter dobrado cabos e continentes e malhado com meus ossos, a altas horas da vida, em comunidades religiosas, tenho sido sempre na mesma: rasteirinho. Desejei entrar nas sagradas letras, porém houve de desistir por não chegar à craveira. Vendo os meus superiores que eu não dava tábua lisa, aproveitaram a casqueira e mandaram-me visitar Pobres a quem dei sopa bem feita, no rolar de muitos anos.

• Hoje desço mais um furo por minha conta e risco; deixo a Sopa nas mãos prestimosas das Irmãs Hospitaleiras e saio para a rua, com a Obra da Rua, a tratar dos miseráveis. Não os de Vitor Hugo, de romance e de fastígio, mas sim de carne e osso, nus e crus, como Jesus de Nazaré os topava no Seu peregrinar. Os feitos à pena, são imagens; miseráveis verdadeiros somente se encontram no palmilhar de um autêntico e real sacerdócio. Eis, em pobres linhas, o que é a Obra da Rua e quem é o padrezinho que sai com ela para a dita.

• Todo o homem que perdeu o respeito de si próprio não vê ao longe nem ao largo e toma na mesma conta o mundo dos mais homens. Para falar a tais, de vício e de miséria, é preciso descer, rastejar, diminuir-se; e só então se pode semear com proveito na vida dos miseráveis. É preciso ter compaixão dos com quem se fala; fazer na presença deles, silenciosamente, actos de humildade; e rezar muito, não vá a gente cair naquelas mesmas faltas que pretende corrigir, sendo todos, como verdadeiramente somos, iguais.

• Aquela autoridade e ascendente no falar ao vício e à miséria e o respeito que nos guarda quem já perdeu o seu, estão na medida do amor que se consagra aos miseráveis e nas passadas que por causa deles se dão. É um fruto da experiência. Podes achar linda esta forma de dizer, como dantes achavas a da Sopa, mas não na gozas nem na entendes se a não realizas na tua vida.

• Este nosso à-vontade nas tabernas preguiçosas, nas ruas suspeitas, na presença da má nota, ao pé da reputação perdida — tudo isto é filho de um desejo estuante e de um propósito íntimo de levantar almas guardando sempre o medo de cair; olhos fixos em Jesus Nazareno, o Médico das almas que dá remédio até para além da morte!

• Aqui tens, leitor, a força mai-lo jeito do padrezinho que sai hoje para a rua com a Obra dela. Ai, que se tu me deses a mão, pois que tantas vezes tropeço! E podes dá-la, rezando muito e sempre por mim.

Padre Acílio

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

Dizer sim quando a mamã vier à procura do candeeiro, panela, ferro, fogão, bacia e balde.

Dizer não quando aparecer alguém a dizer: «Se fosse de alumínio seria melhor».

Dizer sim quando a criança chega à nossa beira e afirma: «Vivo na rua, sem ninguém, quero ir convosco».

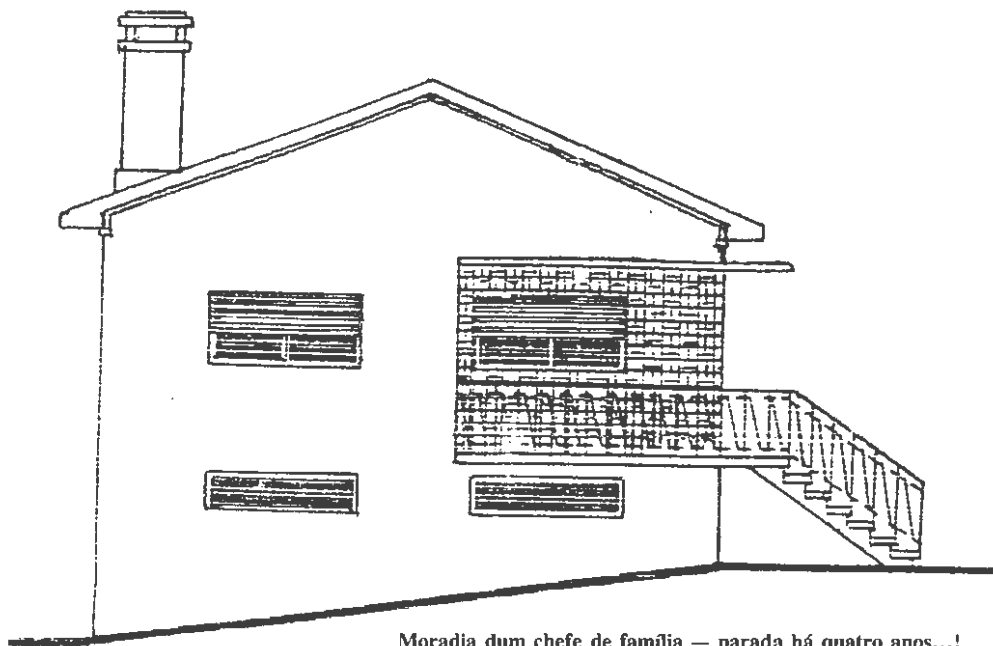
Dizer não quando os amigos nos trouxeram mais um.

Dizer sim àqueles que se abrem aos apelos de Deus e aceitam um compromisso maior com o seu Reino.

Dizer não àqueles que são capazes de abrir a boca e dizer: «Não vale a pena trabalhar p'ra esta gente».

É a vida de cada dia! São os Sims e os Nãos que muitas vezes pronunciamos e, até mesmo por cobardia, deixamos de pronunciar. Que Deus nos ajude a dizer SIM e NÃO.

Quitéria Torres



Moradia dum chefe de família — parada há quatro anos...!

Autoconstrução

Dói-nos saber que o dinheiro a ser gasto com os primeiros materiais vá para papéis e demais burocracia

Bem podiam ser aliviadas as dores dos que se lançam na aventura de construir a sua casa, sem dinheiro para ela, se cada membro da comunidade levasse uma parte pequenina da carga. Assim, são anos de sofrimento à espera das sobras do ordenado que mal dá para uma alimentação saudável.

Ele há tanto jeito para se angariarem fundos para obras, quando se quer de verdade, que só a falta de sensibilidade social no seio das paróquias explica a indiferença a que são votados os Autoconstrutores verdadeiramente pobres e heróis escondidos.

Quando vêm até nós ou vamos à procura deles sentimo-los sós. É ali, entre as paredes levantadas há anos, à espera dum empurrão, que nasce a decisão de ajudar. Faz falta descer à rua, escutar, tocar na reali-

dade para nos comovermos e agirmos.

As autarquias podem fazer muito, dentro das responsabilidades que lhes estão cometidas. Dói-nos saber que o dinheiro a ser gasto com os primeiros materiais de construção vá para papéis e demais burocracia. Quanta coragem não é precisa!?

Ontem, de manhã, dei um salto a uma paróquia vizinha, conduzido por um chefe de família que anda às voltas com a sua casa, parada há quatro anos. Estes homens precisam de acreditar na sua comunidade. Mais: precisam de amar a sua paróquia. Como? Sentindo-a pertinho dos seus problemas. E o da falta de casa é dos primeiros.

Não vejo outro caminho para que a paróquia retome o seu lugar de casa de família dos crentes que não seja pelo acolhimento dos seus filhos marcados pelas grandes aflições das suas vidas. Para o Autoconstrutor uma das grandes aflições é estar só — sem o apoio da sua comunidade.

Padre Manuel António

ENCONTROS EM LISBOA

Continuação da página 1

darmos conta, se instala, partindo para a abertura aos Outros. Deste modo, a comunhão na diversidade também desabrocha, vencendo os obstáculos da indiferença, da suspeita e da injustiça. Este Congresso de Leigos era um povo à procura da Verdade, percebendo-se que ainda estamos cheios das nossas pequenas verdades.

No decorrer dos trabalhos, fui sentindo, especialmente, duas dificuldades.

A primeira diz respeito à própria identidade do leigo na Igreja. As referências são demasiado clericais. Falta um certo mergulhar na realidade baptismal que nos constitui discípulos de Jesus e portadores da sua Boa Nova no meio dos homens. Os exemplos e modelos eclesiais andam demasiado à volta do clero e das vocações consagradas. Faltam testemunhos e modelos de homens e mulheres que, assumindo o Baptismo, se constituem na família, no trabalho e na sociedade em geral, com as suas vertentes culturais, fermento dos valores evangélicos como a verdade, a justiça, a tolerância e a solidariedade. Essa falta nota-se na própria catequese, onde a vida diária dos leigos, nas suas múltiplas tarefas e desafios, está ausente.

Uma segunda dificuldade, em parte ligada e derivada da primeira, aparece quando se procuram concretizar os valores anunciados. A vida e as preocupações dos leigos andam demasiado à volta das actividades litúrgicas ou para-litúrgicas deixando entre parêntesis a profissão onde se jogam, por vezes, enormes desafios na conquista da justiça, ou a habitação onde se criam condições para a vida da família, ou a juventude onde o futuro se equilibra ou desequilibra, ou a cultura onde os valores se defrontam e criam as perspectivas do futuro, ou a política onde o futuro se decide, ou a solidariedade onde a sociedade ganha a sua consistência e se criam os laços da Fraternidade.

Foi uma riqueza este Congresso! Demos graças a Deus. O Espírito de Deus renova todas as coisas.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

16 de Maio, sábado, 15,30h, Cine-Teatro de Loures.

23 de Maio, sábado, 21,30h, Salão Paroquial de Moscavide.

31 de Maio, domingo, 15,30h, Salão Paroquial da Benedita.

7 de Junho, domingo, 15,30h, Salão Paroquial da Amadora.

Tribuna de Coimbra

Distribuição d'O GAIATO

Hoje é dia de distribuição do nosso jornal. Partimos de casa de manhãzinha. A primeira paragem foi em Tomar. Desceram e ficaram o João Vicente do Sardoal e o Cláudio da Figueira da Foz. Seguimos rumo a Leiria. São agora ali vendedores o Ricardito e Frederico, de Coimbra, o Domingos, do Zaire e o Carlos Fernando, de Oliveira do Hospital.

Foi a primeira vez que nestas duas cidades fizemos a passagem só num dia de semana. Costuma ser nos três dias do fim-de-semana. As aulas e a vida de agora aconselha-nos a fazer esta alteração. São duas vendas muitas boas, as melhores do Centro. Os rapazes são sempre acompanhados de outras ofertas. Esperamos a atenção dos nossos Amigos, de Tomar e Leiria (eles são tantos!), para que não fiquem sem o jornal e sem ver os nossos meninos.

Ontem foi na Beira Baixa. A Ford partiu às cinco horas com dezasseis gaiatos lá dentro. Embora com sono, mas alegres e com esperança de quem vai semear o bem.

Em Figueiró dos Vinhos ficou o «Chinês», de Coimbra. Na Sertã, desceram o António, de Abrantes. Em Proença, ficaram Zé «Pinó-

quio», de Cantanhede e João Luís, de Elvas. Em Castelo Branco, desceram quatro: o Hugo Cláudio e o Cláudio, da Figueira da Foz, o «Bula», de Luanda e o Frederico, filho de mãe de São Tomé.

Depois, em Alcains, ficou António Francisco, de V. N. de Ródão. Em Alpedrinha, desceu João «da avó», da Covilhã. No Fundão, Sérgio, da Marinha Grande e Gonçalo, de Castelo Branco. No Tortosendo desceu o Hugo, de Tomar. Na Covilhã terminaram Zé António, de Boticas, João Vicente, Domingos e Artur, da Figueira da Foz.

Mundo sem fronteiras

Quase ao fim do dia a carrinha regressou à hora de jantar, já estávamos todos à mesa. Feitas as contas trouxeram 125.051\$00, a barriguinha cheia e ainda embrulhos de coisas boas. Distribuíram 2.207 jornais. Pelas terras deles vemos que estamos num mundo sem fronteiras.

A distribuição d'O GAIATO na cidade de Coimbra continua a ser aos fins-de-semana. Os rapazes têm aulas na cidade. É aqui o forte da nossa venda, embora alguns apresentem pouco de gorjetas. Nós procuramos ter confiança em todos. Eles têm obrigação de dar contas muito certinhas, mesmo que os

PARTILHA

ERA Sexta-Feira Santa. Às três da tarde, decorria em nossa capela a leitura da Paixão do Senhor. O relato suscitava meditação e muitas perguntas. Tudo tão objectivo: aquela condenação, injusta. A morte de Jesus, trágica. O conluio entre os poderes religioso e político — rivais em fazer desaparecer Jesus. O aparente triunfo da mentira contra a força evidente da verdade. Enfim, a desilusão no coração daqueles que seguiram Jesus, se entusiasmaram com o Seu Projecto e, agora, O contemplam, impotentes, diante do fracasso da Sua morte. Tudo como num filme.

Poiso os meus olhos no Virgílio

Nisto, poiso os meus olhos no Virgílio que estava sentado no degrau cimeiro do altar, descontraído, em frente de todos.

Desenhou-se na minha mente um outro cenário. Também ele, com sabor a Calvário. Vi as três barracas de onde veio. Uma, onde vivia a sua mãe agora abandonada: um ninho imundo de ratos, porque de ninguém, há mais de seis anos. Ao lado, a do pequeno Virgílio. A decência assim o impunha... Colada a esta, a do avô, com quem ultimamente o pequeno vivia. Ao lado, mais barracas e mais famílias e crianças do mesmo estilo. «Leve-o!», gritou uma mãe de outros que por ali andavam. — Não tem ninguém que olhe por ele!... Ao longe, grandes urbanizações arrancam daquele chão sofrido. Casas lindas que só em sonho o Virgílio e seus vizinhos habitarão na sua meninice.

Tudo isto quando, àquela hora, sabia de Igrejas cheias de piedade e unção. Horas altas de grande celebração da fé. Por ela mesma eu tinha ido parar ao bairro das barracas no Montijo... àquela hora.

É que aquele acontecimento, único, da morte de Jesus, tinha a ver com o Virgílio. E, aquele meu poisar de olhos nele, naquela hora, não foi senão uma elevação. Tentar amar o Virgílio na Casa do Gaiato; ajudá-lo a ler, a escrever; pôr-lhe a mesa; interessar-me por ele como um fruto gerado; fazer dele um homem, há-de ter sempre o sabor do mistério da Morte e Ressurreição de Jesus.

O Grupo Sócio-Caritativo do Montijo, aflito com mais este filho da rua, chorou a sua sorte e agiu. Despertou-nos quando não era possível, ali, fazer mais nada. Depois, a senhora professora também. Que limpinho estava ele quando o fui buscar! No meio daquela desordem toda, estranhei: — Como assim? O miúdo percebeu e resposta pronta: «Foi a minha professora que ontem me lavou!...».

Ainda não tinha sido Quinta-Feira Santa. Nem, talvez, sabia a senhora professora da transcendência dos seus

gestos de bem-fazer... Contudo, isto mesmo, é a Páscoa! No domingo, veio o ti João — como os rapazes lhe chamam. Já tinha mandado os cordeiros do seu rebanho. Ele mesmo veio confeccionar e servir o nosso almoço. Bem podia ter ido banquetear-se num bom restaurante da cidade. Afinal, era Domingo de Páscoa! Mas não. Quis vir festejar connosco, de olhos marejados, a alegria da Páscoa. Tudo tão lindo e sabroso!

À volta dos pratos recheados, este pensamento pascal me dominava: «Ninguém se atrevia a perguntar 'Quem és tu?' por saberem que era o Senhor». Uma enorme alegria!

Padre Horácio

Padre João



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Conl. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239